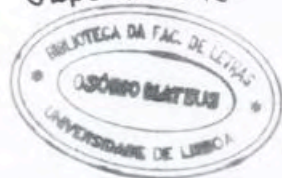


JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

OLÁ, FERNANDO

*olá que prazer
falar sempre com você,
que seu livro para ler
é uma alegria*

João Carlos

É por que não sei mais a expressão que devo usar para dizer ao meu amigo sempre ao primeiro que me escreve ou me chama para falar com ele, o amigo que me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo.

Quando me escreve ou me chama para falar com ele, sinto a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo.

A expressão que devo usar para falar com meu amigo é a seguinte: "olá, Fernando". É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo.

Porque me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo.

Porque me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo. É por isso que sempre me dá a sensação de estar falando com um velho amigo.

OLÁ, FERNANDO!

PERSONAGENS

JOÃO, um «homem dos sete ofícios»

CARLITOS, adolescente

PROFESSOR DO ENSINO SECUNDÁRIO

LÍDIA, adolescente

Sala de estar e de trabalho de João, um «topa-a-tudo», que se encarrega de arranjos nos mais diversos objectos: rádios, relógios, chapéus de chuva, máquinas de escrever, bonecos, fatos de homem, etc. Para além de uma natural desarrumação, nota-se um certo gosto de disposição dos modestos móveis espalhados pela sala, bem como na escolha dos elementos decorativos: cortinas, candeeiros, etc.

Ao centro, uma grande mesa de trabalho, pejada de objectos. A um canto, um carrinho de amolador. Algures, uma tábua de engomar. Vários armários, uns abertos, outros fechados; um destes últimos, com cortinas. Numerosos relógios, um deles de caixa alta, etc.

Porta à esquerda, dando para a escada. Janela à direita, parcialmente encoberta por um biombo.

Em cena, João, um homem activo, sorridente, em mangas de camisa. Cantarolando, está a acabar de arranjar uma boneca. Um tempo. Dirigindo-se ao armário fechado por cortinas, afasta estas últimas e guarda a boneca que acabou de compor, ao lado de outros bonecos, bastante maiores, que já lá estavam. Contempla demoradamente os bonecos, parecendo satisfeito. Deixando o armário com as cortinas abertas, aproxima-se do relógio de caixa alta; à medida que o faz, o tic-tac do relógio vai aumentando de volume. João, a dado momento, sobressalta-se, levando a mão à testa, como quem acaba de recordar-se de uma tarefa urgente. A correr, dirige-se a um outro armário; tira de lá um casaco escuro e atira-o para cima da mesa de trabalho. De novo a correr, vai buscar uma caixa de costura e

coloca-a também em cima da mesa, afastando os materiais que utilizara para compor a boneca. Trabalhando muito depressa, começa a descoser uma manga do casaco. Um tempo. Ouve-se o toque insistente de uma campainha. João, atrapalhado, larga o trabalho e corre a abrir a porta. Entra um rapaz, aos pulos de contente, agitando na mão uma nota de cem escudos. É Carlitos, o irrequeto ajudante de João; embora não seja já criança, gosta, por vezes, de se fazer acriançado.

JOÃO (*com alívio*) — Ah, és tu!... Ainda bem... Pensava que era o outro, o... (*Apontando com o dedo para o tecto.*) O lá de cima. (*Retoma o trabalho, olhando, de soslaio, o relógio de caixa alta.*) ... Ele é tão pontual! (*Estendendo o braço para Carlitos.*) Passa-me daí essa tesoura, se fazes favor...

CARLITOS (*agarrando, distraído, na tesoura, pula, em torno de João, exibindo a nota*) — Cem palhaços! (*Exagerando o entusiasmo.*) Záz, tráz, páz!... No bolso do rapaz! (*Afasta-se, levando a tesoura, que acaba por poisar muito longe de João.*)

JOÃO (*abanando a cabeça*) — Mas o que é que tu tens?... Pareces um miúdo!

CARLITOS (*com ironia, exibindo a nota*) — Estou milionário!

JOÃO (*benévolo*) — Grande ajudante que eu arranjei! (*Vai buscar a tesoura que Carlitos tinha levado para longe. Neste momento, os vários relógios dispersos pela cena, incluindo o da caixa alta e um outro, de cuco, começam a dar horas, para desespero de João. Este atrapalha-se: larga a tesoura, enfia uma agulha, volta a pegar na tesoura, etc.*)

JOÃO (*preocupado*) — O que é que ele vai dizer de mim, o... (*aponta para o tecto*) ... o Senhor Professor!

CARLITOS (*pondo a nota debaixo do nariz de João*) — Foi o dono da Tabacaria... Eu ajudei-o a arrumar as prateleiras e ele... «anda cá, Carlitos»... deu-me cem palhaços! (*Com ironia.*) 'Tou rico... 'Tá a ver?... 'Tou rico!

JOÃO (*olhando de relance, sem abandonar o trabalho*) — Ah! Um Fernando Pessoa... Muito bem...

CARLITOS (*ultrapassado*) — O quê!? (*Olhando a nota com mais atenção.*) ... Fernando Pessoa, 1888-1935. (*Encolhendo os ombros.*) Cem palhaços, é o que isto é. (*Cantarolando.*) E eu vou comprar, com esta nota... um apartamento no Algarve, com vista para o mar. (*Fingindo-se hesitante.*) Ou então... também pode ser... Um gelado de tangerina. (*Com mímica apropriada.*) Dos maiores! (*Dá uma reviravolta, deixando cair a nota. Um tempo. Apanha a nota e*

volta a examiná-la.) Chapéus, óculos, lacinho... *(A meia voz.)* Lacinho, pois... Viva o luxo! *(Voltando a examinar a nota e sorrindo, divertido.)* Uma caneta na mão e um bigodinho... *(Observando a nota, desta vez à transparência.)* E cá está ele outra vez, o tal Fernando Pessoa! *(Um tempo.)* Ah, mas agora tirou o chapéu e perdeu a caneta... Viram? *(Esta interrogação é dirigida à assistência, pressupondo-se que, oportunamente, já foi distribuída, a cada espectador, um fac-símile de uma nota de cem escudos, alusiva a Fernando Pessoa.)*

CARLITOS *(de chofre)* — Sô João: quem era o Fernando Pessoa?

(Perante o inesperado da pergunta, João interrompe o trabalho. Um tempo. Afina a garganta, faz um gesto vago e só por fim responde.)

JOÃO *(hesitante)* — Bem... quer dizer... Fernando Pessoa... como toda a gente sabe... foi um...

(Neste preciso momento, volta a ouvir-se a campainha da porta.)

JOÃO *(manifestamente aliviado)* — Olha... O melhor é perguntares ao Senhor Professor... Vai-lhe abrir a porta, anda!... *(Retomando o trabalho, inquieto.)* Eu tenho que fazer! *(Desorientado, dobra, uma e outra vez, as mangas do casaco que está a arranjar, enquanto Carlitos vai à porta, deixando entrar um homem ainda novo, que veste colete, sem casaco. É o vizinho do andar de cima, o Professor. Parece preocupado, muito embora procure mostrar-se sorridente. O seu passinho é miúdo, elástico, saltitante. Usa barbicha.)*

PROFESSOR *(cofiando a barbicha)* — Obrigado, Carlitos... Senhor João, boa tarde...

JOÃO *(desfazendo-se em desculpas)* — Tem o Senhor toda a razão, Professor... Já é tarde! *(Professor pretende interrompê-lo, mas João não lhe dá tempo.)* Muito tarde, mesmo...

PROFESSOR *(suspirando profundamente)* — Todos os males fossem esses, meu amigo... Eu hoje tenho tempo.

JOÃO *(retomando as suas desculpas, sem atender às palavras de Professor e apontando, com um dedo acusador, a boneca que estivera a concertar)* — A culpa foi daquela menina!... Distraí-me a concertar-lhe um braço, pus-lhe novos cabelos... E o seu casaco, Professor... *(nervosamente, sem dar por isso, volta a dobrar uma das mangas do casaco) ... o seu belo casaquinho... (dobra de novo a outra manga, cada vez mais nervoso) ... foi ficando para trás... (Procurando mostrar-se confiante.)* Mas vai ver que não demora nada... *(Pica-se num dedo, com a agulha.) ... Quase nada. (Prepara-se para recomençar o trabalho, mas Professor, sorridente, tira-lhe o casaco das mãos.)*



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97